

ACESSÓRIOS DE CABEÇA: UM BREVE LEVANTAMENTO HISTÓRICO.

Accessories Head: a Brief Historical Survey.

Berton, Tamissa Juliana Barreto; FAAC/UNESP - Mestranda em Design,
tamissa@utfpr.edu.br¹

Pires, Gisely Andressa; FAAC/UNESP - Mestranda em Design,
pires.gisely@gmail.com²

Menezes, Marizilda Santos; FAAC/UNESP - Docente do programa de Pós-
graduação em Design, zilmenezes@uol.com.br³

Resumo

O chapéu e outras coberturas de cabeça não são apenas acessórios que compõem um estilo, podem servir de proteção, demonstrar uma função específica ou posição social. Este artigo busca referências históricas que contemplam adereços utilizados na cabeça a fim de analisar e auxiliar a retomada do uso de alguns desses acessórios na atualidade.

Palavras-chave: Acessórios de Cabeça; História; Indumentária.

Abstract

The hat and other head coverings are not only accessories that make up a style, can serve as protection, demonstrate a specific function or position. This article seeks to historical references that include props used in the head in order to analyze and assist the resumption of use of some of these accessories today.

Keywords: Head accessories; history; clothes.

Introdução

¹ Mestranda no programa de Pós-graduação em Design da UNESP. Bacharel em Estilismo em Moda e Especialização Gestão de Design pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente no Curso de Tecnologia em Design de Moda da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

² Mestranda no programa de Pós-graduação em Design da UNESP. Bacharel em Moda - habilitação em modelagem e desenvolvimento de produto pelo CESUMAR. Especialista em MBA em Moda pela Faculdade Maringá. Docente no Curso de Tecnologia em Design de Moda da UTFPR.

³ Doutora em Estruturas Ambientais Urbanas pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP; Docente dos Cursos de Graduação e Pós-graduação em Design da UNESP. Líder do Grupo de Pesquisa Linguagens do Espaço e da Forma, certificado pelo CNPq.

Os ornamentos de cabeça sempre estiveram presentes na indumentária sendo utilizado para diversos fins, como enfeite, para proteção ou demonstrando um *status* ou posição social. No entanto, as coberturas de cabeça como os chapéus e outros adereços semelhantes saíram de moda por volta de 1960 e 1970.

Atualmente, observa-se que estes acessórios estão voltando a fazer parte do vestuário e da moda em geral, a fim de constituir determinados estilos ou somente com o propósito de proteção, considerando um artigo que foi por muito tempo essencial para a indumentária.

Este estudo tem a intenção de se aprofundar na história, desde relatos do surgimento dos acessórios de cabeça e contemplar a sua evolução, compreendendo a funcionalidade e o simbolismo, relacionando o uso desse item com a moda atual.

Para isto desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica, com o intuito de compreender a trajetória dos acessórios de cabeça inseridos na história do vestuário, o tipo de pesquisa utilizado é a exploratória, visto a necessidade de fundamentar todo o contexto histórico com a visão atual do pesquisador. Os materiais utilizados foram livros direcionados à história da moda e do vestuário.

Histórico

Durante o estudo é constante observar o uso de coberturas e acessórios na cabeça, o que possibilita afirmar que este costume vem desde os primórdios da existência humana. Os acessórios de cabeça sempre estiveram presentes na indumentária, segundo Frings (2012) no passado o chapéu era o adorno de maior importância.

Contudo, conhecer os ornamentos e a maneira que foram utilizados, suas mais variadas formas e finalidades, é significativo para o desenvolvimento de novos produtos, para a concepção de novos estilos, entre outras atribuições que envolvem a moda.

Povos Antigos

Entre os povos antigos estão egípcios, cretenses, gregos, etruscos, romanos e bizantinos. "Acredita-se que os chapéus se originaram na Creta Minoica" afirma Cosgrave (2012, p. 37), para a autora nenhum relato certifica a verdadeira origem do chapéu, mas por Creta ser considerada a primeira civilização europeia, com início em 3000 a. C. durando até 1450 a. C., encontram-se indícios deste complemento do vestuário por volta de 2000 a. C.. Nesta época haviam muitos formatos, entre eles:

gorros altos, chapéus de ponta, turbantes e barretes. Para formalidades utilizavam alguns adornos especiais como tiaras, touca ou mesmo um chapéu redondo e plano.

Os cretenses possuíam diversos estilos de ornamentos destinados à cabeça, e muitos deles são semelhantes com estes tipos de adereços atuais. Já no Egito não usavam chapéus, existia um cuidado exacerbado com os cabelos, por motivos de higiene alguns egípcios raspavam a cabeça e utilizavam perucas feitas de cabelos naturais (LAVÉ, 1989).

Os gregos utilizavam diversos estilos de um chapéu cônico, além do gorro (*píleo*) e do chapéu em forma de pagode. Foi na Grécia clássica que surgiu o barrete frígio e que veio a servir de modelo para os barretes medievais e o barrete da Revolução Francesa (COSGRAVE, 2012).

As mulheres gregas utilizavam panos e fitas amarrados na cabeça, havia também uma espécie de tiara muito popular denominada *stephanie*. Segundo Laver (1989, p.29) "as mulheres ricas usavam tiaras de ouro e pedras preciosas". As referências femininas gregas dos acessórios de cabeça estão presentes no estilo das mulheres atuais, além de ser comum encontrar lenços envoltos à cabeça, também é habitual observar tiaras com pedras, normalmente utilizadas em cerimônias festivas.

Na Etrúria, atual Toscana, o *tutulus* era um chapéu típico, tal como uma tiara de ponta fina com borda na frente do adorno. Os etruscos utilizavam o *pétaso* e modelos semelhantes a barretes de vários tamanhos. O *pétaso* é um tipo de chapéu com a finalidade de proteger do sol, feito de palha e utilizado em viagens por homens e mulheres (COSGRAVE, 2012).

Entende-se que a funcionalidade de uma cobertura de cabeça é principalmente a proteção, seja ela do sol e do calor, do frio ou de uma atividade específica como, por exemplo, o capacete, portanto o *pétaso* e o gorro seriam os primeiros artigos de cabeça utilizados pela sua função na história da indumentária.

Köhler (2001) relata que na Roma Antiga os homens não usavam chapéus, apenas cobriam a cabeça com a toga ou um capuz em épocas de frio, visando principalmente a proteção. O traje da mulher não podia dispensar o véu, preso atrás da cabeça, caindo sobre as costas e os ombros, inicialmente chamado de *flammeum*, e depois nomeou-se *ricinium*.

Durante o Império Bizantino, de acordo com Cosgrave (2012) homens e mulheres comuns também não utilizavam chapéus, com exceção do *solidéu* e do *pétaso*, normalmente usavam acessórios com o estilo de "coroas" com pérolas incrustadas produzidas por ourives especializados. Membros da igreja, como bispos e cardeais usavam o *solidéu*. Nesta época acessórios e cabeça tornaram-se um elemento complexo da indumentária da corte e da igreja. Os bizantinos também

utilizavam a *ínfula*, uma faixa em lã branca que, com o tempo, passou a ser ornamentada com joias e bordados de ouro.

Desde os primeiros aparecimentos dos ornamentos na cabeça, notou-se várias formas de chapéus, além de gorros, toucas e tiaras. Os povos da antiguidade tinham muito cuidado com a cabeça, mesmo os que costumavam não utilizar acessórios, possuíam uma atenção especial com os cabelos.

Notou-se que pela sua funcionalidade, o *pétaso* foi um estilo de chapéu constantemente usado e por diversos povos, além disso, nota-se uma semelhança deste tipo de artigo para cabeça com os chapéus de palha atuais ainda utilizados para proteger do sol.

Um elemento que sofreu muita alteração durante todo o período da antiguidade foi o barrete, constatou-se que em cada momento ele surgiu com uma configuração diferenciada e com um propósito específico.

Idade Média

Köhler (2001) afirma que os acessórios de cabeça passaram por grandes mudanças no século XII. Cosgrave (2012) coloca que as formas de adornar a cabeça durante a Idade Média variou bastante, inicialmente havia uma precaução em relação à estes acessórios mas com o tempo surgiu uma variedade de estilos.

Durante o século XIII os homens utilizavam um gorro chamado *chapel*, similar a um capuz, com a extremidade inferior virada para fora, também havia o chamado *le capuchon*, que podia ser utilizado sozinho, por baixo ou por cima do gorro. As mulheres deixaram de usar os lenços sobre a cabeça e passaram a deixar seus cabelos soltos, divididos em duas partes (KÖHLER, 2001).

O capuz foi um elemento bastante usado por homens na Idade Média, um dos artigos mais comuns visto em imagens que retratam a época, considerando que a Europa é um continente com países frios, homens o utilizavam para aquecer a cabeça. Hoje, o capuz é um artigo que normalmente está acoplado a blusas e jaquetas de frio.

A partir do século XIV a gola do capuz masculino passou a ficar mais comprida e com babados. O chapéu era "cônico ou cilíndrico, alto ou baixo, e podiam ser de feltro, veludo ou seda", a aba também variava de largura e eram adornadas com cordões ou franjas de ouro (KÖHLER, 2001, p. 197).

No início da Idade Média, durante os séculos XII e XIII os adornos de cabeça eram mais simples nos países europeus, já nos séculos seguintes houveram os mais variados estilos. Foi neste período que os ornamentos para cabeça mais excêntricos apareceram, haviam chapéus das mais diversas formas, principalmente aqueles destinados as mulheres.

Na indumentária feminina, foi entre os séculos XIV e XV que ocorreram as maiores mudanças, os principais ornamentos utilizados pelas mulheres eram: um barrete que subiam duas partes laterais formando uma curva alta e um cone pontiagudo com um véu preso na parte mais alta, denominado *hennin*. Quanto mais alto era o chapéu maior a posição social daquela que o usava (COSGRAVE, 2012).

De acordo com Laver (1989) o *hennin* na Inglaterra era um cone diferenciado, mais parecido com um vaso de plantas. Ressalta também o adorno borboleta, uma estrutura presa a uma pequena touca que ocultava os cabelos, ficava alta na cabeça e apoiava um véu com as formas das asas da borboleta. Cosgrave (2012) destaca um acessório como um rolo acolchoado que era utilizado sobre a touca que mantinha os cabelos enrolados acima das orelhas, além deste, havia também o chapéu bicorne e um chapéu em formato de coração.

Neste momento observa-se o chapéu como um ícone simbólico do vestuário pois demonstra a posição social da mulher, a extravagância e o tamanho de cada estilo expressa hierarquicamente o nível social.

Os adereços para cabeça da Idade Média, por serem grandes e exóticos, não foram mais utilizados em outro período relatado na história da moda e do vestuário, e fica complicado relacionar com os artigos usado atualmente, a não ser em algum produto que evidencie um conceito específico.

Renascimento e o Século XVI

Com raízes no início do século XIV e com o seu apogeu no final do século XV, o Renascimento consistiu em um amplo movimento cultural e intelectual que foi se desenvolvendo de acordo com uma sociedade que se tornava mais moderna e próspera. Neste período houve uma grande repercussão na forma das roupas, pois buscavam se adequarem às proporções (COSGRAVE, 2012).

Laver (1989) ao abordar o uso dos acessórios de cabeça no renascimento, explica que os chapéus tinham o formato de uma boina macia e baixa, algumas vezes possuíam abas que costumavam ser recortadas de várias formas ou a mesma podia ser levantada na frente e presa por uma joia. Para o autor, um objeto que sobreviveu ao período medieval foi a touca feita de linho e amarrada abaixo do queixo, e que no século XVI era utilizado apenas por idosos, advogados e outros profissionais.

Novamente percebe-se um artefato para a cabeça sendo um item simbólico, evidenciando determinados membros da sociedade através de um artigo do vestuário.

Ao final do século XVI o efeito vertical era dominante nas roupas, assim o tamanho dos chapéus aumentaram, "alguns eram gorros com uma copa alta que, às vezes, era endurecida com tela engomada; outros eram chapéus verdadeiros feitos de

materiais duros ou engomados" (LAVÉ, 1989, p.94).. Um desses chapéus era chamado *copotain*, este, possuía uma copa alta e cônica, um outro estilo lembrava um chapéu-coco moderno. As mulheres também adotaram os chapéus, que inicialmente usavam apenas para viajar e cavalgar, estes eram parecidos com os masculinos, porém menor (Ibid.).

Cosgrave (2012) afirma que chapéus, capuzes, gorros, faixas, enfim os acessórios de cabeça deste período, eram adornados com joias e penas, e também exibiam bordados exuberantes e pedras preciosas.

No período do Renascimento não houve chapéus tão extravagantes nas suas formas, apesar de serem grandes e chamativos em um determinado período, muitos deles até remetem alguns encontrados atualmente.

Barroco / Século XVII

"Hoje, o termo barroco é usado para descrever a arte e a cultura que prosperou por toda a Europa entre 1600 e 1750" (COSGRAVE, 2012, p. 145).

No início do século as mulheres não utilizavam chapéus, mas cobriam a cabeça com capuzes de tafetá preto ou usavam um xale se renda para sair (LAVÉ, 1989). Köhler (2001, p.352) descreve os cabelos dessas mulheres: "na frente e dos lados era penteados para trás enquanto o restante era trançado e reunido na nuca, sendo preso por fitas, grampos e botões ornamentais". Destaca que entre os ornamentos mais utilizados nos cabelos eram penas de avestruz e correntes de pérolas.

Portanto neste período alguns estilos de chapéus foram esquecidos pelas mulheres, enfeitavam seus cabelos com acessórios menores. A maneira com que o cabelo era penteado também fez parte do visual da época.

O chapéu de feltro macio, um adorno masculino para a cabeça, passou a ser feito com aba mais larga, com copa baixa e arredondada, normalmente era tingido de marrom mais claro ou branco, pois quase nunca usavam chapéus pretos. Ainda antes do meio do século, os chapéus passaram a ter aba larga e copa alta e cônica (KÖHLER, 2001).

Entre 1640 e 1650 a vestimenta passou por uma grande transformação, inclusive chapéus e acessório de cabeça (Ibid.).

Por algum tempo homens exibiam seus longos cabelos ou perucas, Laver (1989, p.122) descreve que "ainda mais curioso do que usar montanhas de cabelos artificiais era empooá-las". Mulheres almejavam a mesma imponência dos penteados masculinos através da *fontange*, que era o estilo de amarrar os cabelos por uma fita com o laço para frente, mas não adotaram a peruca.

Nos últimos anos do século XVII o chapéu passou a ser dobrado na aba em três lugares, surgindo o "chapéu tricórnio" e era considerado o único apropriado aos cavalheiros, este continuou sendo utilizado durante o século XVIII (LAVÉ, 1989).

No entanto, no período Barroco existe a predominância das perucas ou dos cabelos empoados, por isso utilizava-se na cabeça adereços como fitas e laços, penas, xales de renda e correntes de pérolas. Apesar disto, o chapéu tricórnio surge neste período e permanece sendo utilizado no próximo século.

Rococó / Século XVIII

Cosgrave (2012) afirma que "assim como o Barroco influenciou o vestuário da corte de Luís XIV e o estilo europeu, o Rococó também estendeu o seu alcance para a moda", e assegura que a indústria têxtil se desenvolveu no decurso do reinado de Luís XV, e as roupas dos mais abonados eram decoradas com rendas, fitas, franzidos, flores de seda, rufos e borboletas de seda. "O rococó caracterizava-se pelo uso de ornamentos sinuosos e curvas", refletindo também nos artigos utilizados na cabeça (COSGRAVE, 2012, p.165).

O século XVIII foi marcado pela utilização da peruca, homens de classe alta a adotaram como peça fundamental do vestuário. O costume de empoar as perucas persistiu até a Revolução Francesa (LAVÉ, 1989).

Assim, a peruca persiste durante o Rococó e vai se adaptando as características deste período. Inicialmente as perucas eram compridas mas para qualquer atividade vigorosa era inviável, assim os soldados desenvolveram a peruca "de campana" que continuavam a ter os cachos, mas divididos em três mechas, uma de cada lado do rosto e uma atrás, com as pontas viradas para cima e presas em um nó. A peruca *Ramillies* era mais simples, os cabelos eram penteados para trás e amarrados em um rabo de cavalo, normalmente com dois laços de fita preta (Ibid).

Em geral, as mulheres "não usavam peruca, mas empoavam os próprios cabelos, às vezes aumentados com cachos postiços na nuca" (LAVÉ, 1989, p. 130).

Os trabalhadores utilizavam o chapéu tricórnio e neste tipo de chapéu aplicavam-se diversos adornos como: rendas, galões e até mesmo penas de avestruz. Mais para o fim do século este chapéu evoluiu para o bicorne, inicialmente usados apenas pelos oficiais do exército, mas adotado mais tarde no vestuário masculino. Os revolucionários costumavam utilizar o barrete frígio (COSGRAVE, 2012).

O barrete era uma espécie de touca e foi um artigo utilizado já na antiguidade pelos gregos, o barrete frígio usado pelos revolucionários possuía a cor vermelha.

Köhler (2001) destaca que o chapéu esteve em moda entre as mulheres no final do século XVIII, eles eram bastante grandes, feitos de palha ou seda,

normalmente eram leves. Os adornos, como fitas, flores e penas eram enfeites comuns neste acessório.

Segundo Cosgrave (2012) entre os acessórios de cabeça adotados pelas mulheres para manter o cabelo arrumado tinha a *Thérèse*, uma espécie de touca; a *calash*, uma estrutura de arcos de barbatana de baleia feita com tecido; e a *dormeuse*, uma touca de dormir que podia ser usada em casa.

No final do século o uso de coberturas de cabeça pelas mulheres foi ficando mais evidente e normalmente estavam bastante ornamentadas. Adornos como detalhes aplicados nos chapéus ou nos próprios cabelos foram características deste período. O Rococó também foi marcado pelas perucas, mas observou-se uma maior incidência de chapéus que no século anterior.

Século XIX

Os chapéus enormes e cheio de adornos utilizados no final do século XVIII permanece sendo usado no século XIX, de acordo com Laver (1989) estes também passaram a ser utilizados à noite no teatro, o que atrapalhava quem sentasse atrás.

A boina também ficou maior e não era mais amarrada sob o queixo, era usado de dia e dentro de casa (Ibid.).

Para Köhler (1989, p.482), neste período o chapéu provocou mais "controvérsias que qualquer outra peça do vestuário", desde 1790 este artigo se tornou extremamente popular junto à classe média.

Em ocasiões especiais, usava-se apenas chapéu com a aba virada, este era o preferido com uniformes e em cerimônias. Algumas décadas depois, esticou-se a aba dianteira para frente e as laterais foram viradas para cima, e o chapéu redondo foi ganhando a predileção da maioria. O modelo nomeado *l'Androsmane* foi utilizado por décadas (KÖHLER, 1989).

Era comum homens utilizarem chapéus em formalidades sociais, observou-se que o estilo cartola era bastante usado nessas ocasiões, principalmente por homens da alta sociedade.

Meados do século XIX os chapéus começaram a ser mais utilizados para proteção do que para ornamentação. Os gorros voltaram a ser usados, pois desde o século XVII estavam restritos apenas a usos de alguns membros da sociedade. Logo iniciou-se o uso dos chapéus de feltro, leves, pequenos e confortáveis, com abas relativamente estreitas, o gorro saiu de moda novamente (KÖHLER, 1989).

Este século não teve uma variedade de estilos de ornamentação para a cabeça, mas usou-se diversas coberturas, visto que a utilização deste era principalmente funcional, com o intuito de proteger. Notou-se também que a partir do

final deste século os acessórios de cabeça começaram a ter a configuração dos artigos utilizados hoje em dia.

Século XX

No início de 1900 ainda prevalecia a chamada Belle Époque, um período de bastante ostentação e extravagância, que introduziu este século mas durou pouco. "Os cabelos eram presos no alto da cabeça, e o chapéu panqueca se projetava para frente" afirma Laver (1989, p.216), e continua destacando as plumas, que adornavam os chapéus.

Nas ocasiões formais os homens utilizavam cartolas, mas era cada vez mais usado o chapéu *homburg*. Outra cobertura de cabeça bastante popular era o chapéu de palha (LAVÉR, 1989).

O século XX foi um período de muitas mudanças na indumentária, para Cosgrave (2012) a igualdade dos sexos foi um dos notáveis progressos do vestuário.

A partir de 1910 as roupas femininas passaram por uma mudança e os chapéus reapareceram maiores, mas ainda antes da guerra a forma dos chapéus já eram pequenos e ajustados à cabeça (LAVÉR, 1989).

Com a guerra, passa a existir um novo tipo de mulher, um estilo andrógono, as jovens cortaram os cabelos e usavam-no liso, e as mulheres mais velhas passaram a aderir este corte com o chapéu *cloche*, durando até o fim da década de 20 (Ibid.).

No entre-guerras, segundo Baudot (2002), a mulher possuía um chapéu para cada hora do dia: de manhã um de feltro de formato masculino; durante o dia utilizavam as capelinhas leves com trajes de passeio; e à noite veuzinhos, plumas, *aigrettes*, algumas vezes com pedrarias. O autor destaca Caroline Reboux como referência na criação de chapéus neste período.

Em 1929, Pauline Adam cria a Paulette-Mode, e Claude Saint-Cyr funda sua maison em 1937, juntas participam de uma geração de grandes chapeleiras (Ibid.).

Mesmo com toda a revolução causada pela igualdade do sexos e as guerras, as coberturas de cabeça ainda prevaleciam, talvez por um costume de séculos que ainda estava muito presente no cotidiano das pessoas.

Com as restrições da segunda guerra mundial, a partir de 1940, "os chapéus eram frívolos, adornados com flores de chapeleiro não racionadas e véus, ou sérios - pequenos, de feltro, com ar militar" (LAVÉR, 1989, p.253).

A partir dos anos 60, de acordo com Baudot (2002), o chapéu perde a sua importância, as mulheres passam a valorizar penteados, tinturas, havendo um triunfo do cabeleireiro sobre a chapeleira.

E por um bom tempo não se tem o hábito de utilizar o chapéu, alguns adornos de cabeça é comum, mas coberturas como aqui abordadas, principalmente com a função estética não costuma ser visto.

Considerações Finais

Através do tempo os acessórios utilizados na cabeça tiveram o seu significado, a sua importância, podendo ser através da sua função, da sua simbologia ou da sua estética, muitas vezes ressaltada pela extravagância.

No decorrer da pesquisa pôde-se observar os mais variados estilos de adornos usados na cabeça, mas o principal é o chapéu. Muitos atualmente não são vistos ao não ser em um livro ou filme de uma época específica.

Algumas das coberturas de cabeça aqui abordadas assemelham-se com as atuais, como o chapéu de palha, o de copa redonda com a aba virada para cima, entre outros, e nota-se que para alguns destes seria necessário utilizar imagens para uma melhor compreensão.

Observou-se que durante todo o período abordado os homens utilizavam adornos, chapéus e até perucas, portanto se importavam com os elementos usados na cabeça, mas agora é incomum esse costume. Atualmente, o elemento notado nas cabeças dos homens urbanos é o boné, um acessório esportivo, apesar de alguns homens com mais estilo arriscam utilizar uma boina ou mesmo um chapéu.

As mulheres, que no decorrer do tempo utilizam os mais diferenciados adereços, hoje se importam bastante com a cabeça e o cabelo, utilizam faixas, lenços, entre outros adornos, já algumas coberturas como chapéu é utilizado por mulheres muito elegantes ou com um estilo mais ousado.

A observar blogs e revistas de moda, acredita-se que estes acessórios que cobrem a cabeça estão voltando, mas é necessário um conhecimento para aperfeiçoar esses adornos atuais com fundamentos de design.

O conhecimento adquirido através do contexto histórico pode auxiliar o designer de moda em muitas das suas funções, sendo este um artigo do vestuário que compõe a moda e nota-se uma grande relevância para a atualidade e as futuras gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDOT, François. Moda do século. Trad. Maria Thereza de Rezende Costa. 3 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

COSGRAVE, Bronwyn. História da Indumentária e da Moda: da antiguidade aos dias atuais. Trad. Ana Resende. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2012.

FRINGS, Gini Stephens. Moda: do conceito ao consumidor. Trad. Mariana Belloli. 9 ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.

KÖHLER, Carl. História do Vestuário. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2 ed. São Paulo: Martins Fonres, 2001.

LAVÉ, James. A Roupas e a Moda: uma história concisa. Trad. Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.